

# Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações<sup>1</sup>

## Post-modern tribalism: from identity to identifications

Michel Maffesoli<sup>2</sup>

michel.maffesoli@ceaq-sorbonne.org

Tradução: José Ivo Follmann<sup>3</sup>

*A cada desmoronamento das provas,  
o poeta responde com uma salva de futuro!  
(R. Char).*

### Resumo

*O presente trabalho trata sobre as características assumidas por aquilo que se chama de pós-moderno na atualidade. Michel Maffesoli, nesta ocasião, reafirma a idéia de que o tribalismo será o valor dominante para os decênios vindouros. Neste sentido, desdobra-se, elegantemente, sobre as duas raízes próprias do tribalismo pós-moderno: por um lado, acentuando os aspectos simultaneamente "arcaicos" e juvenis do tribalismo e, por outro, sublinhando a sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de indivíduo e da lógica da identidade.*

*Palavras-chave:* pós-modernidade, tribalização, identidade, identificações.

### Abstract

*The article discusses the characteristics involved in what is presently called post-modern. Michel Maffesoli reaffirms the idea that tribalism will be the dominating value in the coming decades. Thus, he elegantly elaborates on the two roots contained in post-modern tribalism: on the one hand, by stressing aspects of tribalism that are simultaneously "archaic" and youthful and, on the other hand, by pointing out to its communal dimension along with the saturation of the concept of individual and the logic of identity.*

*Key words:* post-modernity, tribalization, identity, identifications.

## Um arcaísmo juvenil

"Sem objetividade, nem subjetividade". Foi assim que, no seu tempo, G. Lukacs definiu os jornalistas. Tal fórmula, certamente, pode ser aplicada à elite moderna, em seu todo. É o que caracteriza a sua *particular "abstração"* e o seu desenraizamento. É nisso que está fundada a sua arrogância e, também, o seu cinismo. Tudo transpira pensamentos "convenientes", suscitando bons sentimentos e cheios de "moralismo", próprios das "belas almas", que ocupam os lugares

<sup>1</sup> Artigo cedido pelo autor em 9/12/2006 para publicação no Brasil. Traduzido do original em francês "Tribalisme postmoderne: de l'identité aux identifications", publicado na revista *Dialogue politiques - revue plurielle de science politique*, nº 2, janeiro de 2003. Por se tratar de uma tradução, foi respeitada a formatação original do artigo.

<sup>2</sup> Professor da Universidade de Paris V, Sorbonne. Diretor do Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien (CEAQ) da Sorbonne. Vice-presidente do Instituto Internacional de Sociologia (IIS).

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

mais elevados no "ranking" social. A mediocridade da midiacracia é, hoje, algo evidente. Mas deixemos que as coisas aconteçam por si mesmas. A Rocha Tarpéia<sup>4</sup> está, como é sabido, perto do Capitólio, e os baluartes do saber estabelecido, dela serão, em breve, precipitados.

*Encontrar as palavras, as menos falsas possíveis, utilizadas para expressar a época em que se vive exige um trabalho de verdadeira criação. Participar desse trabalho não é, com certeza, tarefa inútil.*

A metáfora da "tribo" é muito freqüente. Ela permite perceber de forma mais concreta a metamorfose do vínculo social, atenta à saturação da *identidade* e do individualismo, sua expressão... O termo é repetidamente usado. Cai nas mãos dos mercenários. Certos intelectuais (às vezes são os mesmos mercenários) conseguem atribuir-lhe a importância devida. Os jornalistas, com certeza, fazem uso imoderado do mesmo. Eles não podem fazer de outra forma. A realidade do tribalismo está aí, cegante, para o melhor e para o pior. É uma realidade incontornável e não está limitada a uma área geográfica particular.<sup>5</sup> Ainda há muito que se pensar sobre isto.

Sim, o tribalismo, em todos os domínios, será o valor dominante para os decênios vindouros. Daí a necessidade de retomar uma expressão de Durkheim no sentido de identificar os "caracteres essenciais". Entenda-se, para ficar o mais próximo de sua etimologia, o que efetivamente pode deixar uma marca durável.

Há aí, eu o reconheço, um verdadeiro paradoxo: indicar uma direção assegurada com "palavras" sem ter, nulamente, segurança de conceito. Talvez seja necessário saber viver com este paradoxo e aceitá-lo. Mais do que lorotas redundantes, a encantação; mais do que cacoetar sempiternamente as palavras mestras do século XIX, é necessário saber contentar-se com metáforas, analogias, imagens, tudo coisas vaporosas, que seriam os meios, os menos nocivos possíveis, para o social. Para evitar ser repetitivo (ainda que a redundância seja inerente ao mito, e as "idéias obsessivas" o sejam para as obras criadoras) eu sintetizaria as "palavras" novas através de dois grandes eixos essenciais: por um lado, aquele que coloca o acento nos aspectos ao mesmo tempo "arcaicos" e juvenis do tribalismo e, por outro, aquele que sublinha a sua dimensão comunitária e a saturação do conceito do indivíduo e da lógica da identidade. Eis, parece-me, as duas *raízes* do tribalismo pós-moderno. Eis, conseqüentemente, o que um pensamento *radical* deve levar em conta.

Bergson o mostrou bem: existe sempre uma intuição por trás de todo pensamento criador. Este só pode ser considerado

assim, aliás, se estiver em congruência com a intuição criadora de uma dada época. Eu quero lembrar, trata-se da "visão interna", que vê de perto, o mais perto possível, a energia própria de um indivíduo, de uma situação ou de um conjunto social dado. De minha parte, a intuição que me impulsionou em todas as minhas análises é a da *potência societal*.<sup>6</sup> Eu a denominei socialidade, centralidade subterrânea; pouco importa o termo. Tratava-se de chamar a atenção para essa força interna, precedendo e dando as bases do poder sob suas diversas formas. Parece-me que é essa "força" que está em curso no neotribalismo contemporâneo e nas múltiplas identificações que não deixam de ser impulsionadas. Depois da dominação do "princípio do logos", o de uma razão mecânica e predizível, o de uma razão instrumental e, estritamente, utilitária, assiste-se ao retorno do "princípio do Eros". É o eterno combate entre Apolo e Dionísio!

Mas são, certamente, esses valores nativos que estão na origem dessas rebeliões da fantasia, dessas eferescências multiformes, desse remexido de sentidos, dos quais se encontram vivas ilustrações nas múltiplas loucuras contemporâneas. Tudo isso não pode ser pensado com um espírito sisudo, seguro de seus preconceitos e da sua verdade. Não se pode pensar o aspecto *nativo* do tribalismo, a não ser partindo das "coisas mesmas". Desde já, numa postura fenomenológica, da qual a medição de Heidegger nos dá numerosos exemplos, a verdade reside no desvelamento daquilo que já está aí.

Por diversas vezes já indiquei que se pode caracterizar a pós-modernidade pelo retorno exacerbado do arcaísmo. É certamente isto o que mais choca a sensibilidade progressista dos observadores sociais. Ao Progresso linear e seguro, causa e efeito de um evidente bem estar social, está por suceder uma espécie de "regresso", caracterizado pelo "tempo das tribos". Precisamos, ainda, encontrar o termo oportuno que descreva um estado de fato não sendo simplesmente regressivo. Pode-se falar, neste sentido, de "regrediência", como volta em espiral de valores arcaicos enlaçados com o desenvolvimento tecnológico.<sup>7</sup> Estou propondo, atualmente, um outro termo: "ingresso", que, à imagem do que se encontra em certas línguas romanas (espanhol, italiano, português), coloca o acento no fato de que pode existir um caminho que não tem um fim, um caminhar ainda sem finalização. Entrar (in-gresso) sem progredir (progresso), eis o que parece estar em jogo para as nossas tribos contemporâneas. Elas não têm a esperar um fim, um projeto, econômico, político, social, a realizar. Elas preferem "entrar dentro" do prazer de estar juntos, "entrar dentro" da intensidade do momento, "entrar dentro" da fruição deste mundo tal como ele é.

<sup>4</sup> Na mitologia romana, Tarpéia é filha de Rômulo. A Rocha Tarpéia é a rocha de cima da qual eram lançados os traidores (N. do T.).

<sup>5</sup> Não é certamente por nada que "O tempo das tribos" foi publicado em inglês, espanhol, português, italiano, alemão, japonês. (Além do original francês [N. do T.]).

<sup>6</sup> Remeto a meus livros, M. Maffesoli, *La violence totalitaire* (1979), reeditado por Desclée de Brouwer, cap. 1: "Pouvoir-Puissance" (traduzido para o português e publicado pela Ed. Zahar em 1981) e *Temps des tribus* (1988), reeditado La Table Ronde, 2000.

<sup>7</sup> Cf. F. Casalegno, *Les cybersocialités*, CEAQ-Paris 5, juin, 2000.

Assim como sinalizei diversas vezes, podemos localizar esta vitalidade nas efervescências musicais, mas podemos observá-la, também, na criatividade publicitária, na anomia sexual, nos retornos à natureza, no ecologismo ambiental, nos realces do pêlo, da pele, dos humores e dos odores, isto é, em tudo o que lembre o lado animal no ser humano. Uma "selvagemização" da vida! Eis o paradoxo essencial da pós-modernidade, colocando em cena a origem, a fonte, o primitivo e o bárbaro. A fidelidade às fontes (origens) é, assim, fórmula de futuro, redinamizando, de uma maneira nem sempre consciente, um corpo social um tanto envelhecido. Neste sentido, o tribalismo é a expressão de um *enraizamento dinâmico*.

Ligação entre o arcaísmo e a vitalidade, eis o primeiro paradoxo da pós-modernidade. Mesmo que eu não o aponte senão de forma alusiva, nós reencontramos aqui o mito do "puer aeternus". Trata-se dessa eterna criança, desse "velho tornar a ser criança" que se reencontra em ação em certas culturas. Criança sem uma identidade precisa, mas desempenhando identificações múltiplas. Eu digo bem, mito ou, ainda, figura emblemática, uma vez que essa juventude não é, simplesmente, um problema de estado civil. São, sem dúvida, as jovens gerações, as que vivem esses valores hedonistas de uma maneira paroxística. Contudo, por um processo de contaminação, atingem o conjunto do corpo social.

Alguns de meus críticos consideraram que o tribalismo, que não se pode mais contestar empiricamente, era questão de uma determinada idade, aquela de uma adolescência prolongada. No meu entendimento, colocar as coisas desta forma é, mais uma vez, uma maneira de acobertar a mudança profunda do paradigma que se está operando. O falar jovem, o vestir-se jovem, os cuidados do corpo, as histerias sociais são, largamente, partilhadas (no todo social). Todos, quaisquer que sejam as idades, classes, status, são, mais ou menos, contaminados pela figura da "eterna criança". Numa palavra, e este é o objeto de minha reflexão atual, parece-me que à estrutura patriarcal e vertical está se sucedendo uma estrutura horizontal e fraternal. A cultura heróica, própria ao modelo judeu-cristão, depois moderno, repousava sobre uma concepção do indivíduo ativo, "senhor de si", dominando a si mesmo e dominando a natureza. O adulto moderno é a expressão bem-sucedida de um tal heroísmo. G. Durand enxerga nisto o velho "arquétipo cultural constitutivo do Ocidente".<sup>8</sup>

É preciso, ainda, encontrar a palavra adequada para designar a vitalidade não-ativa das tribos pós-modernas. Vitalidade, portanto, da "eterna criança", um pouco lúdica, um pouco anômica. Para retomar uma expressão de Guy Debord, essa "prodigiosa inatividade", representando uma certa ameaça para a ordem estabelecida, era restrita a alguns grupos de vanguarda, boêmios, marginais ou excluídos voluntários. Não se trata mais disso. Toda ocasião é boa para viver, em grupo, esse perder-se a si dentro do outro, onde a eterna cri-

ança que é Dionísio e os bacanais por ele impulsionados são exemplos perfeitos.

Evocando o Tour de France e suas montanhas, Alain Pessin fala de uma "nova subida em direção à infância". A expressão é judiciosa e caracteriza bem, em geral, o imaginário dessa competição esportiva, com o que ela carrega, de uma maneira mais ou menos barroca, de fantasias, de sonhos, de alegria de estar com e de senso lúdico partilhado. Essa "nova subida", no entanto, pode ser aplicada ao conjunto das loucuras contemporâneas. Elas não são mais do que um suceder de tribos expressando, de coração alegre, o prazer da horizontalidade, o sentimento de fraternidade, a nostalgia de uma fusão pré-individual.

Ouçõ aqui os "recatados", de todos os tipos, soltando seus gritos de rapina. Vejo os psicanalistas, todas as capelas se juntando, a invocar a "lei do pai". Eles, talvez, não estejam errados. A "eterna criança" é um pouco amoral. É mesmo, às vezes, calculadamente imoral, mas este imoralismo pode ser ético naquilo que ele costura e rejunta, com vigor, nos diversos protagonistas dessas efervescências. A "nova subida para a infância" não é só individual. Ela faz cultura. Ela induz a uma outra relação com a alteridade, com este outro que é o próximo, a este outro que é a natureza. Relação que não mais é heróica, mas que se acomoda ao que a alteridade é por ela mesma. Existem no "velho tornar a ser criança" tolerância e generosidade incontestáveis, impulsionando a sua força na memória imemorial da humanidade, que "sabe" (de saber incorporado) que, para além ou aquém das convicções, dos projetos de todas as ordens e dos objetivos mais ou menos impostos, existe a vida e sua interminável riqueza, a vida sem finalidade nem utilidade: simplesmente a vida.

Resumidamente, a essência do judeu-cristianismo caracteriza-se pela formidável tendência em direção à "Cidade de Deus", seja ela o Paraíso, estrito senso, ou a sociedade perfeita; isto não muda o desafio. Tal direcionamento religioso e/ou moralístico/político necessitava, como ator, de um adulto forte e racional. O neotribalismo pós-moderno deixa mal a este arquétipo cultural precedente, pois o ator agora é uma "eterna criança" que, por seus atos, suas maneiras de ser, sua música, o "mis en scène" do seu corpo, reafirma, antes de mais nada, uma fidelidade ao que é.

Não nos enganemos, uma tal fidelidade não é, de nenhum jeito, uma aceitação de um *status quo* político, econômico ou social. Longe disso! Relembro que, no meu próprio trabalho, estabeleci uma ligação estrutural entre Dionísio, o tribalismo e o nomadismo. Todas coisas anômicas, coisas que colocam o acento no aspecto pagão, lúdico e desordenado da existência. Assim, é nas nossas sociedades exageradamente racionalizadas, sociedades assépticas – se assim se quer –, sociedades preocupadas em banir todo risco, qualquer que seja, é

<sup>8</sup> Cf. Chaoying Sun et Gilbert Durand, Du Côté de la Montagne de L'Est, in: A. Siganos et S. Vierre, Ellug (orgs.), *Montagnes imaginaires*, Grenoble, 2000, p. 69. Cf. também A. Pessin, La montagne des géants de la route, in: *ibid.*, p. 255.

nessas sociedades que o bárbaro retorna. Nisto reside, também, o sentido do tribalismo.

Aliás, por limitada que seja a compreensão disto em profundidade, o retorno do bárbaro não é uma coisa má. Lembremos Le Play: "As sociedades perfeitas ficam incessantemente submissas a uma invasão de 'pequenos bárbaros' que trazem sem cessar todos os maus instintos da natureza humana." Deixemos de lado a qualificação moral; ela não apresenta nenhum interesse. Pelo contrário, o fenômeno é recorrente e vê, regularmente, retornar as forças vivas ao seio mesmo do que se tornou demasiado institucionalizado. Os "pequenos bárbaros" de Le Play, as "pequenas hordas" de Charles Fourier lembram nossas "bocas brabas" dos bairros e outros "recantos selvagens" que fazem recordar, de forma pertinente, que um lugar onde o não morrer de fome não conseguiu salvar-nos do fato de morrer de tédio não merece o nome de "cidade".<sup>9</sup>

Face à anemia existencial suscitada por um social demasiado racionalizado, as tribos urbanas acentuam a urgência de uma socialidade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos. Quero lembrar que a "relação comercial", fundamento de todo o construto social, não é, simplesmente, troca de bens; é também "comércio de idéias" e "comércio amoroso". Dizendo em outras palavras, um pouco mais antropológicas, existem momentos onde se observa um escorregão de importância, com a passagem da "Polis" para a "Thiase", de uma ordem política para uma ordem fusional. É a passagem que descreve o que chamei de "tempo das tribos", marcando a saturação da lógica da identidade. Está-se longe do *universalismo* moderno, aquele das Luzes, aquele do Ocidente triunfante. Universalismo que não era, de fato, mais que um etnocentrismo particular generalizado, onde os valores de um pequeno recanto do mundo foram extrapolados num modelo válido para todos. O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertença a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social.

## O ideal comunitário

No fundo essa é a revanche do "dionísio", é a ambiência erótica da vida social, é a importância acordada para a "proxemia cotidiana", é o que está em jogo no mito do "puer aeternus". Ao imperativo categórico kantiano, imperativo moral, ativo e racional, sucede, para retomar uma expressão de Ortega y Gasset, um "imperativo atmosférico", que se pode compreender como uma ambiência estética onde só importa a dimensão transindividual, coletiva, talvez cósmica.

É a saturação do sujeito, a subjetividade de massa, o que chamei de "narcisismo de grupo" e outras formas de "ur-

grund" coletivo. Ou seja, o que é a *base*, poder-se-ia dizer também as *bases*, de todo o ser comum: o que lhe serve de suporte, o que é o seu capital de base.

É o ponto nodal filosófico do tribalismo. É preciso ter bem presente isto, porque as conseqüências sociais ainda são insuspeitadas. Para reportar-me a uma análise de Gilbert Simondon, diria que o que está em jogo é o "*mais que um*". Isto faz com que cada um, a rigor, participe de uma espécie de pré-individual. O mundo e o indivíduo não podem mais, desde agora, serem pensados a partir da "reductio ad unum", cujo esquema A. Comte estabeleceu e que, *volens nolens*,<sup>10</sup> é a base dos diversos sistemas sociológicos que a ele sucederam. É preciso retomar o mecanismo da *participação* mágica: dos outros (tribalismo), do mundo (magia), da natureza (ecologia). Em cada um destes casos, não tem mais sentido o fechamento na fortaleza de seu espírito e numa identidade (sexual, ideológica, profissional), intangível e, sim, no gastar-se, na entrega e outros processos de "perda", colocando o acento na abertura, no dinamismo, na alteridade, na sede de infinito.

O tribalismo, mais profundamente, é uma declaração de guerra ao esquema substancialista que marcou o ocidente: o Ser, Deus, o Estado, as Instituições, o Indivíduo, e a gente poderia seguir gostosamente com esta listagem das *substâncias* servindo de fundamento para todas as nossas análises. Quer queiramos, ou não, quer tenhamos consciência, ou não, a "ontologia" é o ponto de partida. Em síntese, só o que dura é estável, consistente, merece atenção. O *indivíduo* é seu último avatar. Ele é o Deus moderno, a *identidade*, o seu modo de expressão.

Mas outras culturas não repousam sobre tais fundamentos. Elas passaram para o oriente, e o oriente passou sobre elas. Não é um simples jogo de palavras. A orientalização difusa que contamina nossa vida cotidiana,<sup>11</sup> os sincretismos religiosos ou filosóficos, as maneiras de se vestir, de se alimentar, as técnicas corporais, tudo isto é da ordem da ONTOGÊNESE. Talvez esteja ali o "mais que um" de que foi falado. Talvez esteja ali a volta da "eterna criança" e o acento colocado na importância do presente. Uma espécie de durabilidade repousando sobre a impermanência das pessoas e das coisas, o dinamismo do vir-a-ser, a prevalência das situações.

Trata-se, com as conseqüências sociológicas que isto não deixa de ter, de um deslizamento do *indivíduo* com identidade estável exercendo a sua função dentro de situações contratuais para a *pessoa* com identificações múltiplas, desempenhando papéis em tribos de afeição. Eis aqui a participação mágica em algo de pré-individual, ou, ainda, o fato de que não se existe senão dentro do quadro do inconsciente coletivo.

<sup>9</sup> Cf. P. Tacussel, *Charles Fourier, le jeu des passions*, Paris, Desclée de Brouwer, 2000, e M. Maffesoli, *L'ombre de Dionysos: Contribution à une sociologie de l'orgie* (1982), Le Livre de Poche, 1991.

<sup>10</sup> *Volens nolens* = "querendo / não querendo" (N. do T.).

<sup>11</sup> Cf. P. Le Quéau, *La tentation bouddhiste*, Paris, Desclée de Brouwer, 1998 e M. Maffesoli, *L'instant éternel, le retour du magique dans les sociétés postmodernes*. Paris, Denoël, 2000.

A partir daí a soberania do "ego cogito" não está mais em uso. O mesmo se diga do sujeito influente, assim como do cidadão ator voluntário de um contrato social racionalmente regulado. O universalismo do sujeito, da razão, avatares de um Deus transcendente, deixa o lugar a razões e afetos locais, particulares, situados. Resumidamente, não é mais o vertical do cérebro que prevalece, mas o despertar da pessoa em sua inteireza. O que é denominado, assim como já indiquei (O Instante Eterno), de um "pensamento dos sentidos" ("*pensée du ventre*"). Um pensamento que saiba assumir os sentidos, as paixões e as emoções comuns.

Existe, dentro desta perspectiva, um fundo arquetípico de alegrias, de prazeres, também de dores, que estão enraizadas na natureza (natureza natural, natureza humana, natureza social). A "alma da selva" (ou alma rústica) (C. G. Jung) que o judeu-cristianismo e, depois, o burguesismo não apagaram totalmente ressoa de novo. Ela retoma força e vigor nos emaranhados de pedra que são nossas cidades, mas também nas clareiras, uma vez que, de maneira paroxística, as tribos tecno, mesmo os "rábanos", reviram, em êxtase, este barro de que somos feitos. Estamos no coração do tribalismo pós-moderno: a identificação primária, primordial, ao que no humano é próximo ao húmus.

É constatado que esta consciência do sensível, do húmus, do corpo, é corrente em muitas culturas. É o que nos pode levar a dizer que o milênio que está sendo inaugurado sob nossos olhos não será tão catastrófico como alguns o predizem. Mas ele marca, de forma certa, o fim de uma época: a de um mundo organizado a partir do primado do indivíduo. Indivíduo, eu o recorde, capaz de ser senhor de sua história e, assim, fazer, com outros indivíduos com a mesma característica, a História do mundo. O retorno forçado pelo destino, do qual somos tributários, é correlativo ao retorno da comunidade.

Destino comunitário, comunidades de destino, eis aí a "grife" do tribalismo. Isto pode fazer medo, porque estávamos habituados à mecânica da sociedade, tal como ela foi constituída desde o início dos tempos modernos. É este medo que suscita o catastrofismo reinante e que enxerga no tribalismo o retorno da barbárie. Contudo, por um lado, a barbárie repetidamente foi ocasião de regenerar um corpo social moribundo e debilitado, depois de longos períodos de endogamia; por outro, em que um ideal comunitário poderia ser mais novo do que o ideal societário? Pode-se, em todo caso, constatar que é ocasião de calor humano. A "proxemia" conforta os afetos. A horizontalidade fraternal, que se encontra no tribalismo, é causa e efeito do que chamei de "erótica social".

Bons espíritos se dedicaram a mostrar a importância do "ideal comunitário".<sup>12</sup> Ele revive em nossos dias. E, mais do que abafar ou diabolizar um tal renascer, talvez seja

melhor acompanhar os seus diversos sobressaltos. Renascimento das "comunidades espirituais" (G. Tarde)... Talvez mesmo se possa falar, com G. Bachelard, de "narcisismo cósmico". Em todo o caso, de algo que ultrapassa, e de muito, os indivíduos que fazem parte dele. Algo como repouso no contágio e na inflação do sentimento. Algo que, a partir de um enraizamento específico, se vê integrado numa ligação cósmica. Ao contrário do universalismo abstrato, próprio das filosofias modernas, o tribalismo coloca em jogo um processo complexo feito de participação mágica, de interações múltiplas, em harmonia com as pessoas e as coisas. É esta efervescência assim que torna a época tão envolvente!

Com efeito, assim como aconselha Leibniz, e dentro do espírito que lhe é próprio, trata-se de "não desprezar quase nada". Em todo caso, não são essas coisas nascentes que, para além dos preconceitos, dos pensamentos paranóicos e outros simplismos morais, constituem as nossas sociedades. É sempre dentro desse mesmo espírito não julgador e não normativo que é preciso saber retornar às próprias realidades, no que são, de fato. Sábio adágio fenomenológico (*zu den Sachen selbst*) que permite captar a lógica interna de um fenômeno. A sua essência íntima. É bem disto que se trata quando se fala de tribos pós-modernas. Elas estão aí, como já sinalizei várias vezes, para o melhor e para o pior.

A sua complexidade, o seu aspecto complicado necessita de uma complicação na abordagem. Daí a necessidade de pensar, de forma orgânica, as sucessivas sedimentações que constituem a socialidade, a saber, o sentimento de pertença, o colocar-se em rede horizontal, a simbiose de afeto, e os processos de contaminação que tudo isso faz suscitar. Eis a sua ordem ou a sua razão interna.

Mas, para captá-las, ou, pelo menos, para compreendê-las, não serve para nada o que, maliciosamente, Santa Teresa de Ávila chamava "todo o bosque reúne os discursos". Podemos dizer, também, o modo de se exprimir das florestas dos sistemas teóricos, de todas as tendências e variâncias reunidas. Por isso é importante a tarefa coletiva, se o é, de "encontrar as palavras" menos falsas possíveis.

Quando acontece mudança de paradigma é preciso saber, paradoxalmente, cavar fundo e, ao mesmo tempo, manter-se ligado à superfície das coisas. Está aí o pensamento radical: marcar as raízes para melhor apreciar o crescimento que elas permitem. Assim como o diz mais belamente Rainer Maria Rilke: "Com mais arte torceria os galhos dos salgueiros aquele que dos salgueiros tivesse conhecido as raízes" (*Sonnets à Orphée*, 1,6)

São as coisas mesmas que nos ensinam o que elas são. E, muitas vezes, pensá-las como convém exige que se saiba remar contra a corrente dos pensamentos conformes. Isto não

<sup>12</sup> Remeto às referências e às análises em M. Maffesoli, *La transfiguration du politique, la tribalisation du monde*, Paris, Grasset, 1992 e também em Au creux des apparences (1990), Le Livre de Poche, 1995.

se faz sem dificuldade. Trocar a tranqüila certeza das teorias estabelecidas pelo agito do mar alto, é sempre difícil. Do mesmo jeito cavar para buscar as raízes, exige um esforço. Trata-se, no entanto, do esforço mental que, sem julgamento *a priori*, sem espírito preconcebido, pode permitir ver dentro do surpreendente mimetismo tribal, do deslizamento da identidade estável para as identificações ocasiões (lábeis), uma outra ma-

neira de viver a relação com a alteridade. Voltemos a uma banalidade de base: a vida, apesar de tudo, perdura. E esta vitalidade, *volens nolens*, é assumida pelas tribos contemporâneas. É este o desafio que nos lança a socialidade pós-moderna.

Submetido em 09/12/2006

Aceito em: 20/02/2007